



AS DESCRIÇÕES SIMBÓLICAS DE UMA REPÚBLICA: AULA DE HISTÓRIA DO BRASIL A PARTIR DOS SÍMBOLOS REPUBLICANOS

Giovanna Tolomeotti Pereira ¹
Gabriel Silvestre Ferraz ²
Isabel Cristina Rodrigues ³

INTRODUÇÃO

O presente trabalho buscará apresentar o processo de elaboração e os resultados da aplicação de uma aula temática, cujo conteúdo foi o processo da transição do regime imperial para o republicano no Brasil, tendo como foco de análise os objetos simbólicos que buscaram, ao longo do tempo, consolidar a imagem do então novo modo de organização do país. A aula foi ministrada para estudantes do 8º ano do ensino fundamental II, do Colégio Estadual Brasília Itiberê, da cidade de Maringá - PR, como forma de atividade integrante do programa de residência pedagógica em história (CAPES), da Universidade Estadual de Maringá (UEM).

O tema da aula foi escolhido devido as comemorações do dia 07 de setembro. Considerando o calendário de conteúdos previstos para as turmas de 8º ano, a coincidência com o tema de história do Brasil — mesmo que em uma temporalidade distinta — possibilitou que problematizássemos as datas e seu significado atribuído na vida do brasileiro contemporâneo, utilizando para isso os principais sujeitos políticos da época, a bandeira nacional e o hino, símbolos forjados ao tempo do nascimento da República.

Por fim, a ideia dessa aula surgiu como desdobramento de um trabalho realizado pelos autores na disciplina de metodologia e prática do ensino de história, onde o referencial teórico e metodológico foi orientado pelos trabalhos de Vavy Pacheco Borges (2005), José Murilo de Carvalho (1987), Elias T. Saliba (2004), Kazumi Munakata (2009) e Flavia E. Caimi (2008). Em linhas gerais, esses autores possibilitaram que o momento histórico em análise fosse exposto de uma forma não-factual, utilizando como fonte uma gama de símbolos consolidados no imaginário popular, sendo possível, a partir deles, gerar um ambiente profícuo de discussões entre os residentes e os estudantes do 8º ano.

¹ Graduanda do Curso de História da Universidade Estadual de Maringá - UEM, ra106760@uem.br;

² Graduando pelo Curso de História da Universidade Estadual de Maringá - UEM, ra108359@uem.br;

³ Professora orientadora: Doutora, Universidade Estadual de Maringá - UEM, icrodriques@uem.br.



METODOLOGIA

A busca por bibliografia para o tema escolhido não apresentou nenhum obstáculo, pois sendo um assunto amplamente difundido e discutido nos círculos acadêmicos do país, sua presença é facilmente detectada nos trabalhos mais atualizados sobre o conteúdo. A única dificuldade foi encontrar o seu correspondente na prática pedagógica.

Como bem pontua Flavia E. Caimi (2008, p.130), é necessário reconhecer que os “[...] dois campos – escolar e acadêmico – são portadores de dinâmicas próprias, as quais se relacionam com inúmeras instâncias e dimensões, de acordo com as finalidades e especificidades de sua atuação [...]”, não deixando de ser interessante, entretanto, notar a dicotomia presente entre as propostas de estudo que se criam na academia e as que chegam na escola, onde esta última acaba sendo transformada apenas no espaço dos métodos memorísticos e dos fatos isolados, com nomes e datas desconexas.

Somado a dificuldade do material pedagógico, ainda tivemos aquela relacionada ao contexto do ensino remoto. Porém, apesar dos novos desafios impostos por essa modalidade, as possibilidades de condução e criação também se inovaram: a aula, ministrada em sala virtual da plataforma Google Meet, contou com uma apresentação de slide previamente organizada pelos residentes, contendo tópicos resumidos do assunto, imagens trabalhadas como fontes históricas, enxertos de declarações de pessoas que viveram no período, bem como mapas e figuras ilustrativas que tornaram a aula menos monótona no sentido visual.

Por fim o material da apresentação foi disponibilizado pelos residentes, tanto em formato PDF disponível em um link de drive, quanto postado pela professora preceptora nos canais de comunicação com os alunos: WhatsApp e Classroom. Com isso, buscamos fazer com que os estudantes pudessem ter acesso ao material, sendo possível inclusive adicionar comentários e sugerir modificações na apresentação.

A apresentação contou ainda com uma parte destinada as devidas referências, tanto para as obras que constavam no material enquanto fontes como para as imagens e a bibliografia utilizada pelos residentes para a preparação da exposição e da aula.



REFERENCIAL TEÓRICO

Várias fontes históricas foram usadas para fomentar a discussão da aula, para explicitar o referencial teórico utilizado para o recorte, é interessante nomeá-las: a primeira imagem utilizada é referente a pintura em óleo sobre tela de Pedro Bruno, chamada *A Pátria*, de 1919; uma imagem da bandeira do Império Brasileiro; imagem da pintura em óleo sobre tela, *Proclamação da República*, de Benedito Calixto datada de 1893; imagem da pintura em óleo sobre tela, chamada *A Execução de Frei Caneca*, de Murillo La Greca de 1924; imagem da pintura óleo sobre tela também de Benedito Calixto, chamada *Marechal Deodoro da Fonseca*, de 1920; imagem da pintura óleo sobre tela de Pedro Américo de 1893, chamada *Tiradentes Esquartejado*; imagens das duas primeiras bandeiras republicanas; mapas da divisão geográfica do Brasil; enxerto da declaração de Aristides Lobo.

Nomeadas as fontes, podemos caminhar em direção do primeiro trabalho que orientou a condução da aula, que foi o de Borges (2005). Em seu texto intitulado *Grandezas e misérias da biografia*, a autora tece comentários a respeito do uso dos materiais biográficos para a história. Neste quesito, o ponto mais caro para este trabalho é a constatação da interdisciplinaridade que a biografia oferece, pois como ressalta a autora,

Ao ler sobre a biografia, percebe-se de imediato quantas áreas importantes da História se cruzam ou mesmo se confundem, quantos temas estão contidos ou próximos da biografia: a micro-história, os estudos de caso; a História oral, as histórias de vida; os trabalhos sobre vida cotidiana, sobre sensibilidade, sobre sociabilidade. Também a discussão sobre a memória, sobre geração, sobre família, sobre gênero são de grande interesse para quem precisa entender uma vida individual. (BORGES, 2005, p. 215)

A partir das constatações da autora foi possível trabalhar com as personalidades que ganharam visibilidade no mundo republicano, entre elas as figuras de Frei Caneca, Tiradentes, Deodoro da Fonseca, Floriano Peixoto e Benjamin Constant, utilizando para a discussão também os argumentos apresentados por José Murilo de Carvalho em seu livro *Os bestializados: O Rio de Janeiro e a república que não foi* (1987).

Contextualizando a pouca profundidade que o movimento republicano possuía no Brasil em tempos do golpe, a tese de Carvalho (1987) foi exposta aos estudantes para esclarecer como a recém-nascida República carecia de um totem cívico para ser o ponto de referência e de identificação popular, fato que daria legitimidade a nova forma administrativa do país. Com isso, buscamos ressaltar a importância da validação pública aos acontecimentos políticos,



demonstrando que os requisitos para o que chamamos de “Herói da República” versavam diretamente sobre os anseios populares, as vontades coletivas dos agentes sociais da época.

Entretanto, trabalhando com esses sujeitos históricos, não foi nosso objetivo reduzir a história política do país apenas a eles, mas sim articular os saberes produzidos *para além deles*, possibilitando um diálogo a partir da historicização dessas figuras, considerando para o cenário outros agentes que não apenas os pertencentes a elite.

Tomamos esse conjunto amplo de fontes mantendo no horizonte interpretativo e também na exposição aos estudantes aquilo que Elias T. Saliba (2004) argumenta em *Experiências e representações sociais: reflexões sobre o uso e o consumo das imagens*, esclarecendo que “[...] uma das funções do ilusionismo das imagens é dissolver as diferenças, ocultar a prática e encobrir a realidade através de um sentimento de identidade social: valores, símbolos, gestos e estigmas culturais são apenas apresentados como naturais, universais e usuais.” (2004, p. 125). Tentando desmistificar e relatar como esses personagens foram culturalmente construídos, buscamos delinear com os alunos uma história política dos acontecimentos mais ligada com o subjetivo, com aquilo que não esteve necessariamente atrelado aos fatos.

Dessa forma, o pretendido foi assegurar a tese de que “[...] o aparentemente universal é um artifício, que o usual é um engodo e o universal é transitório e passageiro.” (SALIBA, 2004, p, 126), estabelecendo com os estudantes do 8º ano um conhecimento que prescindiu as datas e a metodologia da memorística, demonstrando que um acontecimento histórico não se faz apenas de narração factual.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A busca por materiais para a aula se mostrou ser muito profícua, como apontado anteriormente. Apesar das dificuldades elencadas na parte destinada a metodologia, é importante ressaltar como esse novo ambiente de interação com os estudantes, as salas virtuais do Google Meet, foram de muitas formas um momento de extremo aprendizado para nós enquanto alunos residentes.

Por mais que a interação nas salas virtuais não funcione 100%, sendo possível elencar diversos fatores para isso (falta de acesso a tecnologia necessária, conexão instável, estudantes que precisam realizar outras tarefas como trabalho doméstico no momento da aula etc), as situações em que elas acontecem sempre acabam por demonstrar um interesse nos



conteúdos, que são vistos como diferentes daqueles ministrados a partir do livro didático e no caso específico do Paraná aqueles impostos pelo programa Aula Paraná.

O que a aplicação desta aula demonstrou foi que os estudantes se interessam por temas que não são apenas descrições factuais, o que nos possibilita criar um ambiente onde é possível distinguir compreensão histórica de pensamento histórico, como indica o autor Kazumi Munakata (2009).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo descrever brevemente a experiência de uma aula aplicada ao 8º ano do ensino fundamental II, onde por ocasião da comemoração do dia 07 de setembro foi possível abordar questões que implicaram na constituição dos símbolos republicanos criados ao longo do último século, aproveitando o conteúdo de História do Brasil que estava sendo ministrado no calendário regular da turma.

Por meio de diversas fontes históricas, buscamos traçar um panorama daquele momento político do país, trazendo para a discussão a importância da validação pública nos acontecimentos históricos, demonstrando como houve um esforço no sentido de criar entre a população uma identificação com a nova vida republicana.

Para tal, utilizamos os conceitos de Borges (2005), Carvalho (1987), Saliba (2004) e Munakata (2009) de modo a reforçar a tese de que a construção e os usos que se fazem das imagens, comemorações, símbolos no geral, até os dias de hoje, são um processo bem pensado e dirigido, sendo necessário interpretá-los e interagir de maneira crítica com eles.

Esperamos acrescentar com essa aula debates que normalmente ficam restritos aos círculos acadêmicos, fomentando que o "chão da escola" também pode ser o lugar de debates mais elaborados. Novamente, apesar da experiência ter tido algumas limitações, ela se mostrou extremamente proveitosa, tanto para nós, alunos residentes, quanto para os estudantes do 8º ano do ensino fundamental II.

Palavras-chave: História do Brasil; Brasil República, Representações, Símbolos.



REFERÊNCIAS

BORGES, Vavy Pacheco et al. Grandezas e misérias da biografia. **Fontes históricas**, v. 2, p. 203-223, 2005.

CAIMI, Flávia Eloisa. Fontes históricas na sala de aula: uma possibilidade de produção de conhecimento histórico escolar?. **Anos 90**, v. 15, n. 28, p. 129-150, 2008.

CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados: O Rio de Janeiro e a república que não foi**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

MUNAKATA, Kazumi. Devem os livros didáticos de história ser condenados. **A escrita da história escolar: memória e historiografia. Rio de Janeiro: FGV**, v. 1, p. 281-292, 2009.

SALIBA, Elias Thomé. Experiências e representações sociais: reflexões sobre o uso e o consumo das imagens. **O saber histórico em sala de aula**. São Paulo: Contexto, p. 117-127, 1997.